



## Representação gráfica de famílias com recurso ao Genopro®: (re)descobrir o genograma familiar no contexto da investigação qualitativa

**Rosalina Pisco Costa**

rosalina@uevora.pt

Universidade de Évora/CEPESE

### Resumo

Amplamente utilizado na Antropologia do Parentesco, Psicologia, Terapia Familiar ou Enfermagem, o genograma familiar tem tido uma utilização restrita na prática sociológica. Neste texto (re)descobrimos o genograma familiar no contexto da investigação qualitativa e argumentamos que a representação gráfica de famílias, seja como instrumento principal ou complementar de análise, constitui uma mais valia para a investigação sociológica. Adicionalmente, evidenciamos o recurso ao software GenoPro® como uma ferramenta-chave para a representação científica neste domínio, e a sua utilização uma competência a incluir e desenvolver no rol das que compõem o ofício do investigador qualitativo a trabalhar nos estudos de família.

**Palavras-Chave:** Genograma familiar; Investigação qualitativa; Sociologia; GenoPro®.

### Abstract

Widely used in the Anthropology of Kinship, Psychology, Family Therapy or Nursing, the familial genogram has had a restricted use in the sociological practice. This paper (re)discovers the familial genogram in the context of the qualitative research and argues that the graphical representation of families, whether as principal or supplementary instrument of analysis, is a key instrument for sociological investigation. Additionally, we highlight the use of GenoPro® software as an essential tool in the scientific representation in this field, and its use a skill to include and develop in the list of those composing the craft of the qualitative researcher working in family studies.

**Keywords:** Familial genogram; Qualitative research; Sociology; GenoPro®.



## Resumen

Ampliamente utilizado en la Antropología del Parentesco, Psicología, Terapia Familiar o Enfermería, el genograma familiar ha tenido un uso limitado en la práctica sociológica. En este trabajo se (re)descubre el genograma familiar en el contexto de la investigación cualitativa y se argumenta que la representación gráfica de las familias, ya sea como instrumento principal o complementario de análisis, es un valor añadido para la investigación sociológica. Además, se destaca el uso de software GenoPro® como una herramienta clave en la representación científica en este campo, y su uso una competencia para incluir y desarrollar en la lista de las que componen el arte del investigador cualitativo a trabajar en los estudios de la familia.

**Palabras clave:** Genograma familiar; Investigación cualitativa; Sociología; GenoPro®.

## Introdução

Um genograma, também chamado de Genetograma, é uma representação gráfica de uma determinada família com recurso a simbologia e regras padrão. Amplamente utilizado na Antropologia do Parentesco e na prática de cuidados primários de saúde, a utilização dos genogramas foi padronizada nos anos 80 do século XX a partir sobretudo dos desenvolvimentos vindos da terapia e do aconselhamento familiar (Bowen, 1980; McGoldrick & Gerson, 1985; McGoldrick, Gerson, & Shellenberger, 1999) que assim consensualizaram uma forma rápida e simples de reunir um conjunto diversificado de informações que vai desde os aspetos genéticos, médicos, sociais, comportamentais, relacionais e culturais e que simultaneamente dão conta, quer da estrutura da família, quer do seu funcionamento e dinâmica.

No contexto da investigação qualitativa a utilização do genograma tem sido recursiva ora como instrumento de recolha, ora de análise de dados (Wendt & Crepaldi, 2008). Ao permitir passar rapidamente do registo individual para a observação do sistema familiar e das relações de parentesco, a elaboração e recurso aos genogramas familiares possibilita, a cada momento, rever informação sobre o entrevistado (ego), em particular os seus dados demográficos, bem como de outros membros da sua família e, em perspetiva geracional, perceber trajetórias de conjugalidade (relações conjugais, datas relevantes e natureza dos



vínculos) e composição do agregado familiar (elementos, relação de parentesco e respetiva composição demográfica). Apesar de ser uma representação estática da família e de utilizar regras e simbologia próprias, a leitura dos genogramas é muito rápida e a sua compreensão bastante intuitiva, o que faz desta uma ferramenta muito útil, seja como elemento principal, seja aquando da organização dos dados e análise das entrevistas. Estas razões justificam, plenamente, a sua (re)descoberta no domínio dos estudos de família, nomeadamente em perspetiva sociológica.

## 1. Genogramas Familiares: teoria e técnica

Um genograma é uma representação gráfica aparentemente simples e universal de uma família. É diferente de uma árvore genealógica já que comporta uma multiplicidade de informação, nomeadamente as relações biológicas, sociais e emocionais; relações familiares e historial médico de ego; ao mesmo tempo que inclui todos os membros da família nuclear e alargada, como também elementos significativos que não necessariamente familiares, co e não residentes e até mesmo instituições. É um instrumento científico e é nessa qualidade que nos interessa aqui explorá-lo.

Originalmente, o genograma foi utilizado pontualmente por investigadores vários no domínio das ciências sociais (e.g. antropologia do parentesco), mas sobretudo da genética para o estudo de doenças de transmissão hereditária. Nos anos 70 do século XX viria a ser desenvolvido por Murray Bowen, psiquiatra, pioneiro da terapia familiar e terapia sistémica. Inicialmente designado “diagrama familiar” e destinado à recolha e organização de dados sobre o sistema familiar multigeracional, foi renomeado em 1972 como “Genograma Familiar” (Guerin, 1972 apud Nichols & Schwartz, 1998). É na década de 80 que ocorre a padronização dos genogramas, especificamente no que respeita a simbologia e regras (McGoldrick & Gerson, 1985).

O genograma familiar é passível de aplicações disciplinares várias, seja no domínio da terapia e aconselhamento familiar, saúde (e.g. psiquiatria, clínica geral e enfermagem), psicologia, sociologia e antropologia, mas também na ação de educadores, técnicos de justiça, serviço social ou da intervenção comunitária. Em qualquer dos casos, a sua utilização pode constituir tanto um instrumento de investigação, avaliação e intervenção como também permitir análises clínicas, gráficas e até mesmo do discurso dos informantes aquando da sua descrição ou construção.



Como principais potencialidades destaca-se o facto de permitir descrever de uma forma rápida uma grande quantidade de informação sobre os membros da família, sua estrutura, padrão de relacionamento e elementos complementares: escolaridade, profissão, doenças específicas, datas significativas, instituições às quais está ligado, ... Permite, em suma, conciliar uma perspetiva atual (sincrónica, geracional) e histórica (diacrónica, intergeracional), analisar e refletir sobre a dinâmica familiar, padrões e eventos recorrentes. Efetivamente, deste ponto de vista, o genograma familiar é um instrumento dinâmico, que permite uma correção e agregação rápida de novos elementos à medida que sabemos mais sobre a família.

Rebello (2007, pp. 311-312) sintetiza as principais limitações associadas ao genograma. Desde logo, o facto de ser estático no tempo. De facto, a representação alcançada funciona "como uma fotografia", que precisa ser interpelada a fim de provocar respostas. Outras limitações enfatizam sobretudo a sua permeabilidade ao "efeito Rashomon" já que qualquer acontecimento numa mesma família suscita sempre várias versões. Alguns problemas de fiabilidade prendem-se com a grande diversidade de dados anotados que pressupõe, bem como com o facto de por vezes implicar intermediários no processo de recolha de dados, nomeadamente para a elaboração de diagnósticos. Para além disso, é de aplicação reduzida nas famílias de poucos elementos e tem, efetivamente, pouco interesse para representar famílias unipessoais ("pessoas sós" ou vidas a solo). Por fim, a construção do genograma depende sempre e em última instância da informação fornecida pelos informantes, e neste aspeto em particular é necessário lembrar que certos indivíduos são/podem ser reticentes na disponibilização de informação sobre a(s) sua(s) família(s).

## 2. A Recolha e o Registo de Dados

Que informação recolher com o fim de construir um genograma? Uma lista não exaustiva contempla necessariamente: identificar o(s) indivíduo(s) que irá(ão) fornecer a informação principal; recolher os nomes de todos os membros da família; inclusão de dados de natureza biográfica: datas de nascimento, morte, abortos, etnia, ...; informação de natureza familiar: datas exatas de casamentos, separações, divórcios, e outros acontecimentos significativos na/com repercussão na vida da família (e.g. emigração, mobilidade profissional, ...); informação



de natureza socioeconómica: locais de residência (urbano/rural), profissão, escolaridade, religião, ...; informação de natureza médica/genética: doenças, traços genéticos específicos, ...; informação sobre os modos de relacionamento/funcionamento entre os membros da família (dinâmica) e, eventualmente, não familiares/instituições.

Para a recolha de informação pertinente pode o investigador socorrer-se de dois métodos principais: a entrevista semi-estruturada e a recolha de informação através de histórias familiares narradas pelos próprios informantes (Wendt & Crepaldi, 2008; Krüger & Werlang, 2008). Já na construção do genograma propriamente dito, pode o investigador recorrer a uma auto ou hetero-construção. A co-construção, em que investigador e investigado colaboraram afigura-se porém como a metodologia mais profícua.

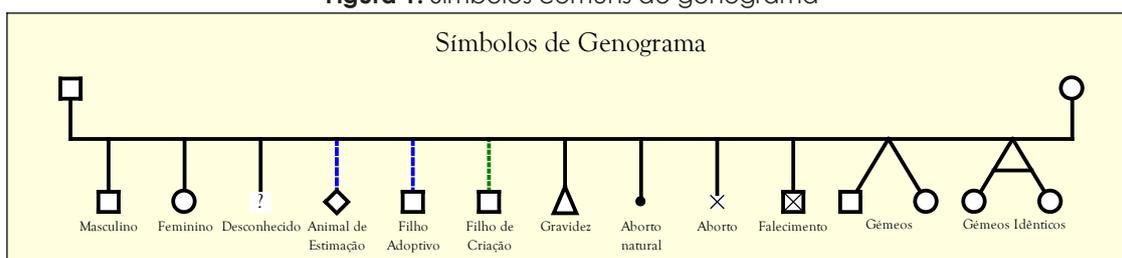
É em torno do consentimento informado da parte do investigado e da garantia do anonimato e confidencialidade dos dados que surgem as principais questões éticas aquando da elaboração do genograma. O investigador cientificamente responsável não pode ignorá-las sob pena de comprometer todos os pressupostos em que a investigação se baseia.

### **3. A Construção do Genograma assistida por computador: GenoPro®**

Ainda que o genograma possa ser elaborado manualmente ou com recurso a diverso software não especializado (e.g. Microsoft Word; Microsoft PowerPoint; SmartDraw; ...), a utilização de um software especificamente desenvolvido para o efeito apresenta inúmeras vantagens. Neste texto referimo-nos especificamente ao GenoPro®, um software desenvolvido pela GenoPro SDK [url: <http://www.genopro.com>] com o objetivo de auxiliar o armazenamento de dados, a construção e apresentação de genealogias familiares com recurso a simbologia standard.

No conjunto dos símbolos comuns, o GenoPro® oferece ferramentas simples e intuitivas para a representação standard de indivíduos de sexo masculino, feminino e desconhecido; animal de estimação; filho(a) adotivo(a); filho(a) de criação; gravidez; aborto natural; aborto; falecimento; gémeos(as) e gémeos(as) idênticos(as) (cf. figura 1).

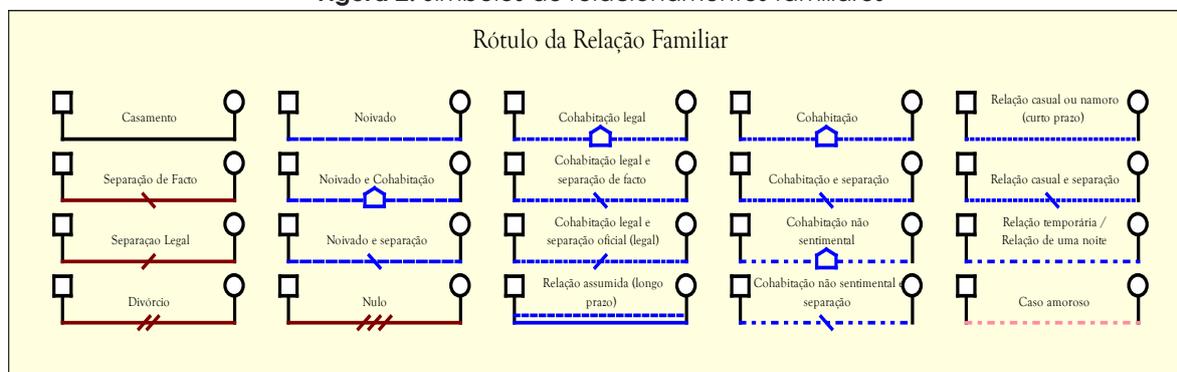
Figura 1: Símbolos comuns de genograma



Fonte: GenoPro® [url: <http://www.genopro.com>, consulta a 25-03-2013]

Enquanto os símbolos representam os indivíduos, as linhas traduzem relações que unem os indivíduos entre si. Em concreto, o GenoPro® permite a representação de uma miríade de relações familiares/conjugais que incluem, entre outras, o casamento, o divórcio, formas várias de coabitação, o noivado, o namoro e até mesmo relações temporárias, eventualmente de uma noite apenas (cf. figura 2).

Figura 2: Símbolos de relacionamentos familiares



Fonte: GenoPro® [url: <http://www.genopro.com>, consulta a 25-03-2013]

Para além do recurso a simbologia *standard* para representar quer os indivíduos, quer as relações que os unem entre si, a construção de um genograma familiar obedece à observância de regras próprias, de onde destacamos:

- Representar pelo menos duas gerações, preferencialmente três (cada geração é representada na mesma linha e os seus símbolos devem ter a mesma dimensão);
- Identificar/realçar Ego (pessoa índice, a cheio, com um símbolo duplo ou uma seta);
- Obedecer à regra do género: masculino à esquerda; feminino à direita; família paterna à esquerda, família materna à direita;



- Obedecer à regra da idade: o mais velho (e.g. filho/irmão) inscrito sempre à esquerda, os outros a partir dele, por ordem de nascimento;
- Circundar os elementos que vivem na mesma casa (delimitação do agregado familiar através de uma linha, usualmente a tracejado);
- Incluir legenda/chave de símbolos (utilizados e não standardizados);
- Datar o genograma familiar (data de recolha de dados vs. data de elaboração).

Como aprofundamento (opcional) pode ainda ser incluída a seguinte informação no genograma:

- Primeiros nomes e ano de nascimento dos elementos da família;
- Anos de casamento, separação e divórcio;
- Falecimentos com ano e causa de morte;
- História clínica – doenças crónicas ou graves e problemas de saúde, especialmente de transmissão hereditária (cf. figura 3);

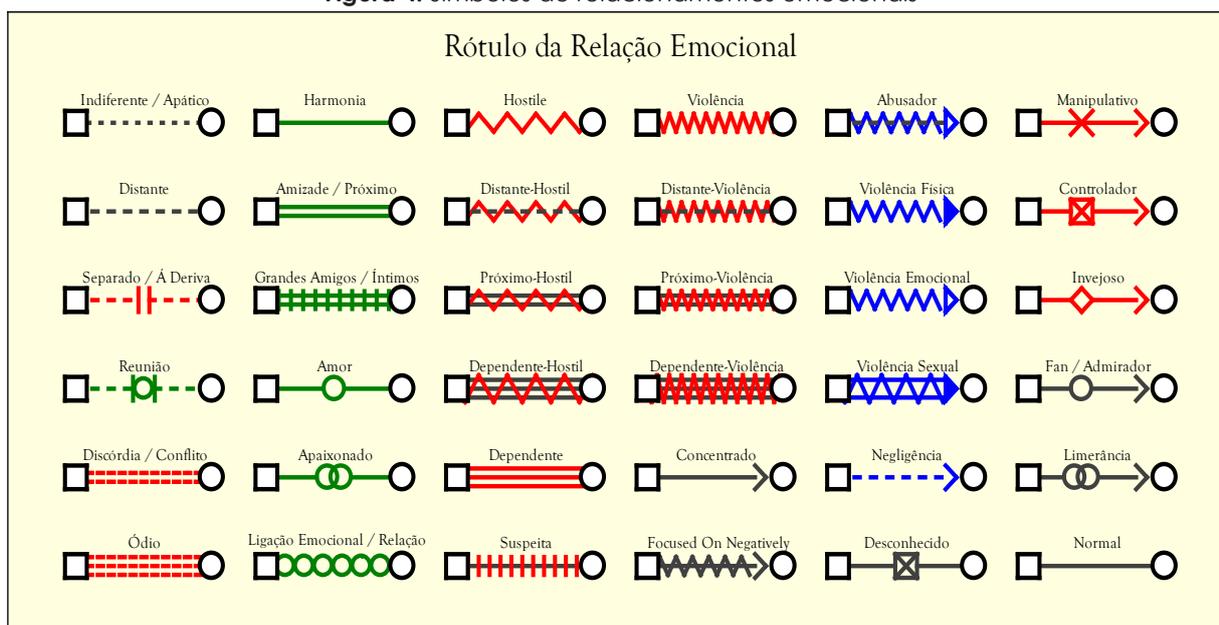
**Figura 3:** Símbolos de vícios e doenças

Símbolos indicando vícios, e doença física ou mental	
	Doença Mental ou Física
	Alcolismo ou Toxicodependência
	Suspeita de Alcolismo ou Toxicodependência
	Sérios problemas mentais ou físicos com alcolismo ou toxicodependência
	Em recuperação de doença física ou mental
	Em recuperação de alcolismo ou toxicodependência
	Em recuperação de alcolismo ou toxicodependência e de doença física ou mental
	Em recuperação de alcolismo ou toxicodependência mas com doença física ou mental
	Em recuperação de doença física ou mental mas com problemas de alcolismo ou toxicodependência

Fonte: GenoPro® [url: <http://www.genopro.com>, consulta a 25-03-2013]

- Padrões de relações emocionais (cf. figura 4);

Figura 4: Símbolos de relacionamentos emocionais



Fonte: GenoPro® [url: <http://www.genopro.com>, consulta a 25-03-2013]

- Outra informação familiar – caso seja de especial importância (e.g. dados étnicos, profissionais, de escolaridade, de migração, de violência física ou sexual, abuso de álcool e drogas, tabaco, etc.);

#### 4. Análise e Interpretação de Dados

Do indivíduo à família, as propostas de análise do genograma contemplam tanto uma metodologia quantitativa, expressa através da pontuação e cotação dos valores para cada característica apresentada pelas famílias (Greenwald et al., 1998); como uma metodologia qualitativa através de análise de conteúdo e reflexão crítica dos dados recolhidos. Um contributo mais específico para um possível itinerário de interpretação é o proposto por McGoldrick, Gerson & Shellenberger (1999) e que incide sobre a análise de (1) composição e estrutura familiar; (2) ciclo de vida familiar; (3) padrões de repetição ao longo das gerações; (4) equilíbrio/desequilíbrio familiar.

Analisado o genograma não resta senão o armazenamento dos dados e sua incorporação, devidamente realizada, em relatórios de investigação/avaliação





Finalmente, de referir que no momento da apresentação dos dados em relatórios de investigação/avaliação familiar deve ainda atender-se à atualização dos mesmos, titulação, legendagem e datação adequadas.

## Conclusão

No contexto particular dos estudos de família, o genograma familiar afirma-se como uma ferramenta-chave para a representação gráfica de famílias e sua análise. O recurso ao software GenoPro® acarreta inúmeras vantagens ao nível da sua construção, uniformização, armazenamento e apresentação de dados, pelo que o seu domínio pode e deve ser uma competência a incluir e desenvolver no rol das que compõem o ofício do investigador qualitativo a trabalhar nos estudos de família.

Numa aceção mais ampla do que aquela que até ao momento a expressão CAQDAS comporta (Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software ou Computer Assisted Qualitative Data Analysis (Lewins, 2001, p. 302)) sugere-se o aprofundamento das competências do investigador qualitativo na construção e manuseamento de genogramas familiares e sua mobilização para a investigação. Especificamente, tal aprofundamento poderá visar os seguintes objetivos específicos: proporcionar a aprendizagem dos fundamentos teóricos e práticos necessários para a construção e interpretação de genogramas familiares enquanto instrumento principal/complementar à investigação com famílias em diversas áreas do saber e da política social (e.g. sociologia, antropologia, psicologia, enfermagem e cuidados primários de saúde, terapia e aconselhamento familiar, ação social, ...); fomentar a discussão crítica em torno dos pressupostos e considerações éticas subjacentes à recolha e registo de dados com vista à construção do genograma familiar; dotar o investigador dos conhecimentos essenciais para a construção de genogramas familiares, com ênfase para o recurso a software especificamente desenvolvido para o efeito (GenoPro®); e apetrechá-lo, por fim, com as competências necessárias para a análise e interpretação do genograma familiar, tendo em vista a incorporação de resultados válidos em relatórios de investigação/avaliação familiar.



## Referências

- Bowen, M. (1980). Key to the Use of the Genogram. In E.A. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The Family Life Cycle: A Framework for Family Therapy* (pp.), New York: Gardner Press.
- Costa, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias: os Rituais na Construção da Família Contemporânea*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – especialização 'Sociologia Geral'. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/4770>
- GenoPro (2013). *GenoPro Help Center*. Disponível em url: <http://www.genopro.com/help>
- Greenwald, J. I., Grant, W. D., Kamps C. A., & Haas-Cunningham, S. (1998). The genogram scale as a predictor of high utilization in a family practice. *Families, Systems & Health*, 16(4), 375—392.
- Krüger, L. L., & Werlang, B. S. G. (2008). O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 415—426.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1985). *Genograms in Family Assessment*. New York: Norton.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Shellenberger, S. (1999). *Genograms: Assessment and Intervention*. New York: Norton.
- Mcilvain, H. et al. (1998). Using Practice Genograms to Understand and Describe Practice Configurations. *Family Medicine*, 30(7), 490—496.
- Nichols, M., & Schwartz, R. (1998). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Brasil: Porto Alegre, Artmed.
- Rebelo, L. (2007). Genograma familiar: o bisturi do médico de família. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 23, 309—317.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302—310.